



## **PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS COM UM ALUNO COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELÉM DO PARÁ**

Ronielson Santos das Mercês - UEPA<sup>1</sup>  
Elinalda da Silva Moreira - UEPA<sup>2</sup>

Eixo temático: Práticas pedagógicas com alunos público-alvo da Educação Especial –  
Relato de experiência

### **Resumo**

Este trabalho relata a experiência dos alunos do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará, na disciplina Psicologia do desenvolvimento e da Aprendizagem, após uma visita técnica realizada em uma escola pública da Rede Estadual de ensino que teve por intuito analisar as práticas educativas inclusivas com os alunos com necessidades educacionais específicas no contexto escolar. O cenário da educação inclusiva no Estado do Pará é uma questão acadêmica que vem sendo debatida nos últimos 10 anos na literatura paraense, por se pensar numa escola pública inclusiva que promova significativamente as potencialidades e habilidades dos alunos com necessidades educacionais especiais matriculados nos estabelecimentos de ensino. A pesquisa desse estudo é do tipo qualitativa. Adotou-se como meio de obtenção de dados a entrevista semi-estruturada aberta com 05 perguntas objetivas, realizada com 04 sujeitos. Os resultados obtidos ao longo da pesquisa contribuíram de fato para um olhar subjacente acerca das práticas, discursos e posturas que se manifestam no cotidiano escolar para efetivação de uma educação inclusiva de qualidade para os alunos com necessidades educacionais especiais. As informações; relatos e observações feitas na escola nos elencaram dados significativos que nos propomos a fazer neste estudo. Percebemos várias dificuldades encontradas pelos pais e professores envolvidos no processo educativo em busca da efetivação e promoção da educação inclusiva no lócus investigado. Portanto, consideramos que o processo inclusivo nas escolas regulares de Belém do Pará ainda é questão que deve ser repensada por todos os atores educativos envolvidos inseridos nesse contexto da educação inclusiva de qualidade.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Inclusão Escolar. Práticas educacionais inclusivas.

### **1- Introdução**

Este trabalho relata a experiência dos alunos do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará, na disciplina Psicologia do desenvolvimento e da Aprendizagem, após uma visita técnica realizada em uma escola pública da Rede Estadual de ensino que teve por intuito analisar as práticas educativas inclusivas com os alunos com necessidades educacionais específicas no contexto escolar.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Integrante do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA). Integrante do Grupo de trabalho em Sexualidade e Educação Freireana (GETEFS/NEP). E-mail: ronicfi2012@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará. Integrante do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP-UEPA). E-mail: elinaldamoreira@gmail.com



O cenário da educação inclusiva no Estado do Para é uma questão acadêmica que vem sendo debatida nos últimos 10 anos na literatura paraense, por se pensar numa escola pública inclusiva que promova significativamente as potencialidades e habilidades dos alunos com necessidades educacionais especiais matriculados nos estabelecimentos de ensino.

A inclusão escolar de alunos com deficiência em escolas regulares é um direito garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.934/96), “a oferta da educação especial enquanto dever constitucional do Estado que deve ter início na Educação Infantil, na idade de zero a cinco anos”. (BRASIL, 1996, p. 01)

Para Baptista (2003, p.05) “a inclusão escolar requer transformações que proporcionem adequações da mesma para acolher o aluno e não o inverso”. Dessa maneira faz-se necessário um diálogo no espaço escolar para que problematize os paradigmas escolares construídos historicamente e dos discursos excludentes sobre a diversidade humana inserido no contexto escolar.

Propomos-nos neste estudo um olhar crítico-reflexivo no processo de reconhecimento dos alunos com necessidades educacionais especiais inseridos nas escolas regulares. Sabe-se que as escolas regulares de Belém do Pará se encontram num processo de reorganização pessoal, financeira, pedagógica e estrutural para que possam ofertar para os alunos com deficiência um espaço escolar inclusivo.

Para Sasaki (1997, p. 20) “Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam à diversidade de alunos como um direito de todos”. É necessário que a comunidade escolar entenda o sentido da educação inclusiva para que lutem por uma educação de qualidade para os alunos com deficiência.

Neste sentido, este estudo tem por objetivos: a) Discutir as ações inclusivas em uma escola pública de Belém do Pará; b) Analisar as práticas educacionais inclusivas b) Identificar as representações dos pais e professores acerca da educação inclusiva.

## **2. Metodologia**



A pesquisa desse estudo é do tipo qualitativa, conforme afirma Chizzotti (2010, p. 83) “na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidos como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”. Para tal, esta pesquisa se dá numa perspectiva onde os sujeitos pesquisados têm vivências e práticas que desvelam informações importantes no lócus investigado.

Adotou-se como meio de obtenção de dado a entrevista semi-estruturada aberta com 05 perguntas objetivas, realizada com 04 sujeitos (Pais, Professora da Sala Regular e Professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE)), sendo esses sujeitos identificados ao longo do trabalho a partir de codinomes escolhidos pelos próprios entrevistados.

Os locais das entrevistas foram a Universidade Federal do Pará (UFPA), instituição onde a mãe e o pai do aluno trabalham como docentes; e a Escola Estadual “Bario” na qual as professoras trabalham com o aluno investigado. O sujeito de investigação foi o aluno com paralisia cerebral inserido na escola pesquisada.

## **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA NO CONTEXTO INCLUSIVO**

A escola por ser um espaço que estigmatiza; segrega; manipula e exclui necessita de um movimento inclusivo que desencadeia causas de cunho pedagógico que reafirmem a existência da diversidade humana no espaço escolar, pois as ações inclusivas no projeto político pedagógico promovem o reconhecimento dos alunos com deficiência.

Para Kunc (1992, p. 3) “o princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade e da comunidade humana. Quando a educação inclusiva é totalmente abraçada, nós abandonamos a ideia de que as crianças devem se tornar normais para contribuir para o mundo. Para a autora valorizar a diferença na escola é fundamental para uma construção de uma sociedade sensível no que diz respeito à relação de igualdade, respeito e compreensão com os alunos com necessidades educacionais especiais.



A participação da comunidade escolar nas ações inclusivas promove à transformação política, pedagógica e social dos estabelecimentos de ensino na quais todos os alunos com deficiência estão inseridos. Além disso, existem outros aspectos documentais, sociais, cognitivos, pedagógicos e educacionais que devem romper o conceito de integração vivenciada pelos alunos com deficiência na realidade escolar.

As mudanças devem ser de caráter inclusivo, pois, garante de fato, o acesso, a permanência e a qualidade desse ensino para os alunos com necessidades educacionais especiais no contexto da educação inclusiva.

Para tal, Ferreira (2006, p. 3-4) pontua que:

A construção de escolas de qualidade e inclusivas para todos deve, dessa forma, necessariamente envolver o desenvolvimento de políticas escolares de desenvolvimento profissional docente com vistas a prepará-los pedagogicamente para trabalhar com a pluralidade sócio-cognitiva e experiencial dos estudantes por meio de enriquecer [sic] conteúdos curriculares que promovam a igualdade, a convivência pacífica, a aprendizagem mútua, a tolerância e a justiça social.

Os autores defendem que os discursos inclusivos no contexto escolar devem contemplar um comprometimento social com os grupos de diversidade humana na escola e pensar ações pedagógicas que articulem a valorização do saber, da cultura e identidade dos educandos com necessidades educacionais especiais.

De acordo com Freire (2005, p.33) Desvelam-se os discursos excludentes defendidos pelos os grupos dominantes na sociedade. Ele afirma que:

“Os opressores falsamente generosos têm necessidade, para que a sua ‘generosidade’ continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A ‘ordem social’ é injusta é a fonte geradora, permanente, desta ‘generosidade’ que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, 2005, p.33).

Para o autor os discursos defendidos pelas as classes dominantes devem ter uma lógica de superação, pois, não terá compreensão de uma educação emancipadora e crítica que é pautada no repúdio ao discurso excludente, aceitação da alteridade e



diversidade, o diálogo permanente entre os grupos sociais para que possam conhecer e estabelece relações sociais.

Os grupos de diversidade humana visto pelo à sociedade como “diferentes” são fundamentais no meio escolar por caracteriza sua existência e por mostrarem o legado que esse grupo adota para construção de um espaço inclusivo na escola e sociedade.

Para Oliveira (2005, p. 23) pontua que, “[...] Isto significa uma visão critica da escola atual (excludente) e que a escola precisa realizar modificações estruturais, o que nos remete a uma nova política, a multicultural”. E a escola como instituição social responsável por mediar essas lutas sociais entre os grupos faz desse contexto de representações e imaginários das ações inclusivas um lócus em constante mudança dos seus preceitos.

Mantoan (2003, p. 22) de fato, “a inclusão numa dimensão ampla que atenda a todos e promovam o reconhecimento social da diversidade humana no sistema educacional”. Para ela a perspectiva inclusiva se dá: A inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter à situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos às deficiências que são de próprio ensino ministrado por elas – sempre se avalia o que aluno aprendeu, o que ele não sabe raramente se analisa, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, evasão, discriminação exclusão enfim (MANTOAN, 2003, p. 28).

A relação entre normalidade x deficiência como é proferido na escola pelos grupos sociais serve de referência para o reconhecimento das diferenças e a caracterização dos diferentes na comunidade escolar. Diante disso, Mantoan (2003, p.30), afirma que “tal discurso excludente, só fortalece a necessidade desses grupos sociais de estabelecerem interação entre si no meio no quais todos estão inseridos”

A mesma autora, ainda, pontua a importância dessa relação que: “[...] pode marcar certa superioridade de quem tolera, de quem respeita numa dimensão que torna imutável e essencial a condição de ser nas relações entre os diferentes (MANTOAN, 2003, p.23).

### **3. Resultados e Discussão**



Os resultados obtidos ao longo pesquisa contribuíram de fato para um olhar subjacente acerca das práticas, discursos e posturas que se manifestam no cotidiano escolar para efetivação de uma educação inclusiva de qualidade para os alunos com necessidades educacionais especiais. As informações; relatos e observações feitas na escola nos elencaram dados significativos que nos propomos a fazer neste estudo.

Percebemos várias dificuldades encontradas pelos pais e professores envolvidos no processo educativo em busca da efetivação e promoção da educação inclusiva no lócus investigado.

### **3.1 A entrevista da mãe do aluno**

Veremos que a mãe do aluno com necessidades educacionais especiais nos relatará os entraves e/ou preconceitos encontrados para matricular o seu filho nos estabelecimentos de ensino de Belém do Pará.

Colocamos o meu filho numa escola chamada “CERON”, mas por motivos de saúde, ele não ficou lá. Logo depois, matriculamos- o em outra escola de uma profissional que nós conhecíamos. A partir daí, ela fez vários testes com uma equipe multidisciplinar e um diagnóstico integrado e nos disse que o meu filho era autista.

Depois o retiramos da escola. Nós o matriculamos no Colégio Acreditar, era um “método mais brando”, com uma técnica heterodoxia em sua proposta pedagógica, eles usavam um método utilizado na década de 70, fazia com que as crianças andassem com um saco na cabeça que nem ratinho num circuito montado, e eu achávamos isso extremamente algo condicionante para o meu filho, mas o meu marido gostava porque fazia atividades físicas. (Entrevistada Lucy).

Analisa-se que os profissionais de educação que atendiam o seu filho na escola, não tinham qualificação continuada e/ ou não sabia lidar com a deficiência desconhecida do aluno. Além disso, a clientela inserida nesse espaço educativo deve ter sofrido atrasos no seu desenvolvimento devido ao modelo condicionante de aprendizagem.

A entrevistada relata as dificuldades que teve nas escolas privadas de Belém do Pará, para que seu filho inicia-se sua vida estudantil, pois as escolas não tinham profissionais de educação qualificados para atenderem o seu filho, ou então, as ações pedagógicas inclusivas não atendiam as expectativas dos pais no que se refere a proposta



da educação inclusiva. Para tal Mantoan (2003, p. 24) analisa que “a escola ainda não possui propostas educacionais que possibilitem o desenvolvimento mais ampliado de seus educandos”.

Em outro relato a mãe do aluno deixa sua preocupação com descaso que o seu filho sofre para ser matriculado e escolarizado nas instituições de ensino.

Tivemos um problema sério na antiga escola, pois lá ele teve a tentativa de “inclusão”. Nós achávamos que ele seria realmente incluído nessa escola, mas o processo inclusivo não atendeu de fato nossas expectativas. Por isso, resultou na adaptação do meu filho na escola e desse jeito ele foi bastante rejeitado na escola regular. Com isso, quando ele voltou da “escola especial”, ele sentiu muito a rejeição feita na escola regular por todos os envolvidos nesse contexto escolar, quando nós o matriculamos na escola regular pública. (Entrevistada Lucy).

A integração escolar ainda se faz presente no ambiente escolar, pois o que se analisa no discurso da mãe é a negação dos direitos educacionais e sociais dos alunos com deficiência. E a representação que a mãe construiu do conceito de inclusão nos mostra que as escolas públicas ainda não têm uma proposta inclusiva para esses sujeitos. Segundo Oliveira (2005, p.8) “Na integração o enfoque é na criança fundamenta-se em uma abordagem individualista que não problematiza as estruturas das escolas, não considera as diferenças individuais e culturais e transfere para as pessoas com necessidades especiais e tarefa de se adaptarem ao ambiente escolar”. (

Portanto, as práticas educacionais integradoras desenvolvidas nas escolas regulares de Belém do Pará não promovem de fato os direitos educacionais dos alunos com necessidades educacionais especiais. Isso nos mostra que as problemáticas levantadas no espaço escolar viabilizam uma reflexão sobre os aspectos inclusivos que garantem o direito de acesso à educação.

### **3.2 As Entrevistas dos professores do aluno**

Nos discursos dos professores analisamos que as dificuldades em garantir uma educação inclusiva de qualidade perpassam por turmas lotadas; Falta de tempo; os



professores não conseguem desenvolver um trabalho pedagógico individualizado com os alunos com deficiência por causa do número denso matriculados na sala. De acordo com a professora I entrevistada:

Adaptação do aluno com a turma e a escola, é muito boa, porém, o trabalho que desenvolvo com o aluno em sala de aula, não é um trabalho individualizado na sala, pois eu tenho 23 alunos em sala, sendo três com deficiência. Dessa forma, atendo a turma primeiramente, depois eu faço o trabalho pedagógico com eles os “alunos especiais”. Por isso, falo para os meus alunos que a nossa turma é a “Turma especial”. (professora Fabi).

Identifica-se no discurso da professora da sala regular que a perspectiva inclusiva se dá no processo de forma antagônica em relação à proposta efetiva da educação inclusiva, pois os alunos com necessidades educacionais especiais não estabelecem relações sociais com outros alunos; não participam das atividades educativas realizadas em sala de aula; sendo assim, os alunos ficam à margem do processo educativo da sala de aula e o trabalho pedagógico não pode ser individualizado com os alunos com necessidades educacionais especiais nas classes regulares. ,

Evidencia-se, ainda, que o contexto escolar dessa escola é múltiplo por ser 23 alunos, sendo três com deficiência, então, a proposta pedagógica que se propõe a professora no seu fazer educativo, não atende as necessidades específicas que a cada aluno especial tem no seu desenvolvimento cognitivo.

A política educacional pontua como as escolas regulares devem desenvolver seus trabalhos pedagógicos voltados para os alunos com necessidades educacionais especiais.

Na política educacional inclusiva em seu item (4) “consolida as ações pedagógicas da escola visando à reorganização da proposta pedagógica das unidades escolares, com o objetivo de desenvolver currículos diversificados e avaliação educacional que favoreçam as diferentes culturas e forma de aprender”. (BRASIL, 1994, p.20).

Dessa maneira analisaremos as ações pedagógicas inclusivas desenvolvidas na escola a partir da fala da professora entrevistada. O aluno tem suas aulas desenvolvidas na sala regular e na sala de AEE.





Primeiramente, o aluno vem para a minha sala de aula, faz suas atividades de classe junto comigo, logo depois, ele vai para o AEE fazer atendimento de psicomotricidade com a professora Adri. Nosso trabalho é conjunto em relação ao aluno, pois somos três professoras, que atendem o aluno. Ainda tem a professora Vânia, que atende o aluno no contra-turno com os atendimentos pedagógicos específicos que integram o trabalho pedagógico desenvolvido na sala regular. (Professora Fabi).

É importante o trabalho pedagógico integrado entre os profissionais da educação nas escolas regulares visando à promoção integral dos alunos com necessidades educacionais especiais. Destacamos, também, a inserção do aluno na sala de Atendimento educacional Especializado (AEE), este trabalho suplementar nas escolas regulares visa construir um fazer pedagógico que interliga as ações e/ou estratégias de ensino; como um apoio pedagógico integrado entre sala comum e sala do AEE, no desenvolvimento do aluno. “Descobrir saídas conjuntas de atuação de cada caso, a troca de experiências entre os diversos profissionais é construtiva e necessária para o aprofundamento e melhor desempenho, seja do aluno, do professor ou do especialista do Ensino Superior” (BATISTA, 2008 p.128).

#### **4. Considerações Finais**

Portanto, consideramos que o processo inclusivo nas escolas regulares de Belém do Pará ainda é questão que deve ser repensada por todos os atores educativos envolvidos inseridos nesse contexto da educação inclusiva de qualidade. Dessa forma, faz-se necessário levantar questões acerca do papel social dos professores no processo inclusivo, sendo esses profissionais responsáveis por problematizarem uma reflexão crítica acerca da inclusão da diversidade humana nos estabelecimentos de ensino.

A perspectiva de rompermos com os paradigmas escolares em relação ao aluno com necessidades educacionais especiais construirão um modelo que oportunize as potencialidades e habilidades que esses sujeitos são capazes para construir um projeto de escola e sociedade melhor para todos na sua singularidade.



Por fim, que o movimento de inclusão desencadeie nas escolas públicas de Belém melhores instituições de ensino para outros alunos alvo da Educação Especial, que necessitam de um trabalho pedagógico diferenciado.

## 5. Referências

BATISTA, Cristina Abranches Mota. Atendimento educacional especializado para pessoas com deficiência mental. MANTOAN, Maria Teresa Eglér (Org). O desafio das diferenças nas escolas. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2008.

BAPTISTA, C.R. Sobre as diferenças e desvantagens: fala-se de qual educação especial? In: MARASCHIN, C; FREITAS, L.B. L; CARVALHO, D.C. Psicologia da educação: multiversos sentidos, olhares e experiências. Porto alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

BRASIL. Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em:  
Acesso em: 25 de novembro de 2014.

\_\_\_\_\_, Política Nacional da Educação Especial. Brasília: MEC/ SEESP, 1994.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FERREIRA, Windyz B. Educar na diversidade: práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular. In: Ensaio Pedagógico - Educação Inclusiva: direito à diversidade. Brasília: SEESP/MEC, 2006.

KUNC, N. - The Need of belong. Rediscovering Maslows Hierarchy of Needs in VILLA, J. S. THOUSAND, W. STAINBACK E S. SATINBACK. Reestructuring for caring and effective education: a administrators guide to creating heterogeneous schools. Baltimore, Paul H. Brookes, 1992.



MANTOAN, Maria Teresa. *Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Saberes, Imaginários e representações na construção do saber-fazer educativo de professores da educação especial.* 2 ed. Petrópolis: RJ:Vozes, 2005.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.* Rio de Janeiro: wva, 1997.